



violência

afeta desempenho dos alunos em sala de aula

Pesquisa coordenada pelo professor Cláudio Chaves Beato Filho, realizada pelo Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública (Crisp), da UFMG, aponta como causas do baixo desempenho escolar a violência e o medo da violência.

Problemas relacionados com a violência e a segurança pública constituem uma das maiores preocupações dos moradores das grandes cidades. O aumento da criminalidade, bem como o crescimento da percepção subjetiva desse fenômeno e a centralidade por ele adquirida nos meios de comunicação, têm afetado as mais diversas esferas e instituições da sociedade, inclusive as instituições de ensino.

Tradicionalmente vistas como espaços de preservação contra manifestações criminais, as escolas passaram também a incluir como problema a violência que vai além daquela relativa à

indisciplina e às relações entre professores e alunos ou entre alunos mais velhos (ou maiores) e alunos mais novos (ou menores), ou seja, as relações de poder. Em outras palavras, as ocorrências de roubo, assalto e agressão física passam a ser vistas como problemas reais no contexto escolar.

Pesquisa realizada no último ano pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp), da UFMG, mostrou que, entre os alunos entrevistados, 15,8% foram roubados em sua escola pelo menos uma vez, 36,9% foram furtados e 18,3% foram agredidos fisicamente.

No entanto, o objetivo deste artigo é discutir não apenas a natureza da violência no contexto escolar, mas também as conseqüências decorrentes de eventos violentos no desempenho do aluno. Assim, a partir da classificação que o próprio aluno realiza de seu desempenho, é preciso inferir quais as perdas associadas à percepção da violência nas escolas. A suposição é a de que, ainda que o próprio aluno não tenha sido vítima de violência em algum momento, a percepção de que esse risco existe pode prejudicá-lo no desempenho escolar.

Karina Rabelo L. Marinho
Mestre em Sociologia e pesquisadora do Crisp/UFMG
Ana Cristina Murta Collares
Mestre em Sociologia e pesquisadora do Crisp/UFMG

Elaine Meire Vilela
Mestre em Sociologia e pesquisadora do Crisp/UFMG
Henrique Oliveira Prates
Mestrando em Sociologia e pesquisador do Crisp/UFMG



1

Breve consideração sobre o estudo da violência na escola

O estudo da criminalidade e da violência nas escolas passou a ter importância em países como a França e a Inglaterra a partir da década de 1950. Até então as pesquisas relacionadas ao ambiente escolar enfatizavam a avaliação do sistema educacional voltado apenas para o interesse de educadores e administradores públicos. O objetivo desses trabalhos era verificar as motivações individuais da delinquência e seu impacto nos processos de aprendizagem. Tornou-se muito popular, sobretudo na França, o estudo da chamada violência simbólica, sob a influência do sociólogo Pierre Bourdieu. Após relativo “silêncio” em torno da temática nos anos 1980, quando para os pesquisadores a escola era apenas vítima do crescimento da violência externa, os anos 1990 foram marcados por um recrudescimento do interesse pelos problemas suscitados pela violência no contexto escolar, já então percebido como um ambiente criminogênico, capaz de produzir atos de delinquência que vão além da revolta com a estrutura repressora da escola (Debarbieux, 2001).

No contexto americano, segundo o relatório “Curriculum, Culture and Community the Challenge of School Violence” (Anderson, 1998), a partir dos anos 1960 começam a ser percebidas falhas na concepção dos reformadores educacionais de que a escola seria um instrumento de cura para a violência e a desordem social. Os anos 1980 e 1990 são marcados não só pelo reconhecimento da existência do crime nas escolas, mas também das escolas como locais que abrigam o crime e a violência.

No Brasil, os resultados dessas pesquisas sobre a violência nas escolas foram inicialmente relacionados por educadores e psicólogos ao processo de aprendizagem. Porém, como já foi mencionado, a escola, há três décadas, vem sendo considerada uma instituição que pode “abrigar” e até mesmo reproduzir o crime e a violência.

Assim, nos últimos anos, antropólogos e sociólogos interessados no problema da violência na instituição de ensino como um fenômeno social passaram a elaborar diversos estudos para descrever, categorizar e analisar o fenômeno. Estudos de cunho antropológico² apontam para a existência de um conflito entre a violência intra e extramuros nas escolas, com mecanismos repressores intramuros sendo suplantados pela violência externa, que passa a fazer parte do cotidiano escolar. Segundo tais estudos (Zaluar, 2001), a violência escolar pode ser entendida a partir de considerações que se estendem além dos limites da própria escola. Ou seja, a partir do contexto geográfico e socioeconômico em que a escola está inserida e ainda do perfil de público que ela atende, levando em consideração a sua estrutura organizacional e as estratégias de negociação com a violência intra e extramuros.

A própria idéia de violência relacionada com a escola possui dimensões variadas, entre as quais se destacam “aquela que aniquila os corpos e aquela que aniquila as mentes” (Zaluar, 2001), ou seja, aquilo que se procura distinguir entre violência real e violência simbólica. A primeira pode ser exemplificada por depredação, tráfico de drogas, porte de armas, violência física perpetrada por agentes institucionalizados encarregados da manutenção da ordem. A segunda pode ser definida como sendo aquela que se manifesta pela palavra, sob a forma de ameaças ou de imposição de condutas que negam ou oprimem o outro.

“Na escola, hoje, a violência apresenta (uma) dupla dimensão (...): (1) a violência física perpetrada por traficantes ou bandidos nos bairros onde se encontram, assim como por alguns dos agentes do poder público encarregados da manutenção da ordem e da segurança, e (2) a violência que se exerce também pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro” (Zaluar, 2001).

Com base nesses conceitos, pesquisas de grande peso e abrangência foram produzidas recentemente no Brasil, procurando interpretar o fenômeno da violência nas escolas. Entre elas, destacam-se a pesquisa nacional sobre escolas realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE, 1999), que inclui uma seção sobre a violência escolar; a pesquisa realizada pelo Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (Ilanud, 2001) em escolas de São Paulo; e a pesquisa realizada pela Unesco (Abramovay, 2002) em 14 capitais brasileiras e centrada principalmente na questão “jovens, violência e Aids nas escolas”.

Conhecer as perdas sociais geradas pela violência supõe uma associação entre comportamentos individuais e eventos violentos em um determinado contexto. Em outras palavras, essa perspectiva supõe que a ocorrência de crimes, bem como o conhecimento dos fatos relacionados ao crime, afeta a maneira com que se lida com o cotidiano.

Por causa da violência as pessoas alteram comportamentos e hábitos de consumo; deixam de transitar por ruas com determinadas características físicas e sociais; utilizam em suas residências uma infinidade de aparelhos e recursos para maior segurança. Assim, o medo influencia comportamentos, atitudes e tomadas de decisões.

Fruto de atitudes relacionadas ao cotidiano, o desempenho escolar pode ser afetado por uma multiplicidade de fatores, tais como características

2 Violência e percepção da violência

3 Percepção da violência e desempenho escolar

individuais e de personalidade, tipo de constituição e vínculo familiar, perfil social e econômico, características das instituições escolares, entre outros. Pode ser afetado também por eventos que ocorrem na escola e não se relacionam diretamente à sua estrutura ou à sua linha pedagógica. De um lado, estão as relações de poder que “naturalmente” são estabelecidas entre professores e alunos ou entre os próprios alunos. De outro lado, esses eventos constituem o que se denomina violência objetiva ou ocorrência de atos criminosos tanto dentro da escola como em seu entorno. Ora, se eventos dessa natureza são pertinentes o suficiente para afetar comportamentos cotidianos na sociedade como um todo, o mesmo deve ocorrer no que se refere ao contexto escolar.

Mesmo não sendo vítimas de evento violento, o conhecimento acerca de sua ocorrência por parte dos alunos também pode exercer influência sobre o cotidiano deles. Grande número de alunos afirmou ter visto, pelo menos uma vez, pessoas armadas dentro da escola (27,8% dos entrevistados); já viu ou ouviu falar de pessoas consumindo ou vendendo drogas (51,9% e 36,2%, respectivamente), de outros alunos sendo assaltados (47%) ou furtados (59,4%) na escola e 10,4% faltaram à aula pelo menos uma vez por medo de serem agredidos.

Identificar atos de violência que ocorrem no contexto escolar e entender sua interferência sobre o nível de satisfação dos alunos com o próprio aprendizado torna-se, portanto, tarefa de suma importância. A pesquisa anteriormente mencionada não realizou mensurações acerca da proficiência escolar em termos objetivos. Realizada por meio de entrevistas com alunos de escolas particulares e públicas de Belo Horizonte, a pesquisa permite inferências acerca das percepções dos alunos quanto ao seu próprio desempenho e ao nível de segurança nas escolas e em suas imediações.

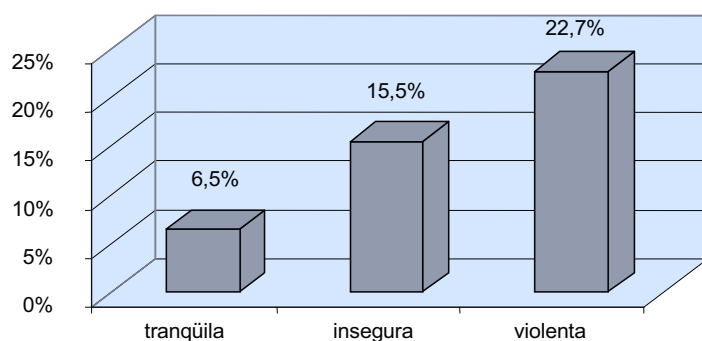
Os gráficos a seguir mostram algumas relações entre características atribuídas pelo aluno ao contexto escolar no que diz respeito ao tema aqui considerado e o nível de satisfação com o próprio aprendizado. Outras variáveis poderiam ser importantes para identificar essas percepções, mas foram selecionadas apenas as que apresentaram nível estatístico significativo.

Uma das questões referentes ao nível de segurança consistiu em uma caracterização geral da própria escola. Quanto à ocorrência de eventos violentos, foi solicitado aos alunos que classificassem suas escolas como tranquilas, inseguras ou violentas. Embora a maior parte dos entrevistados tenha considerado suas escolas tranquilas, o percentual de alunos insatisfei-

tos com o próprio aprendizado é maior entre aqueles que afirmaram estudar em escolas violentas ou inseguras, como mostra o gráfico 1.³

Gráfico 1

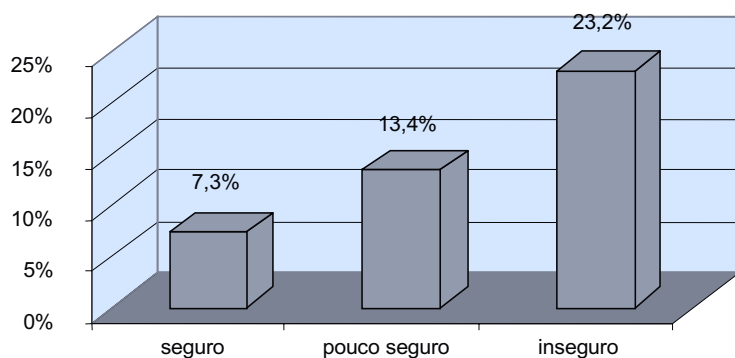
Classificação geral do nível de segurança na escola



A pesquisa considerou também o nível de sentimento de segurança dentro dos estabelecimentos de ensino. Foi perguntado aos alunos se eles se sentiam seguros, pouco seguros ou inseguros em suas escolas. Novamente, a maior parte deles afirmou sentir-se segura, mas a maioria dos que se sentiam pouco seguros ou inseguros pertence ao subgrupo daqueles com nível de aproveitamento escolar baixo, como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2

Como o aluno se sente dentro da escola



O gráfico 3 ilustra a relação entre o possível porte de arma como defesa e o nível de satisfação com o próprio aprendizado. Verifica-se que um percentual significativo de alunos que considerava válido o fato de levar arma para a escola também pertence ao grupo daqueles que estão insatisfeitos com seu aprendizado. Apenas 9,3% não adotariam essa atitude. Considerando não apenas esse subgrupo, mas também a totalidade dos alunos entrevistados, o percentual daqueles que não levariam armas para se defender é de 70,9%.

Gráfico 3

O aluno levaria armas para se defender dentro da escola

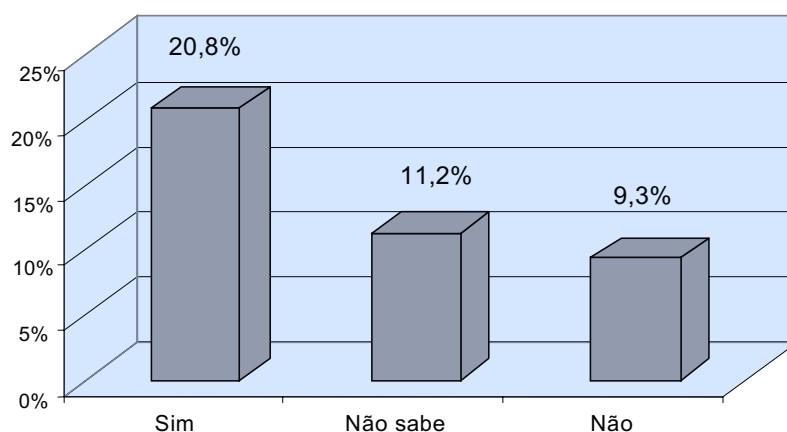
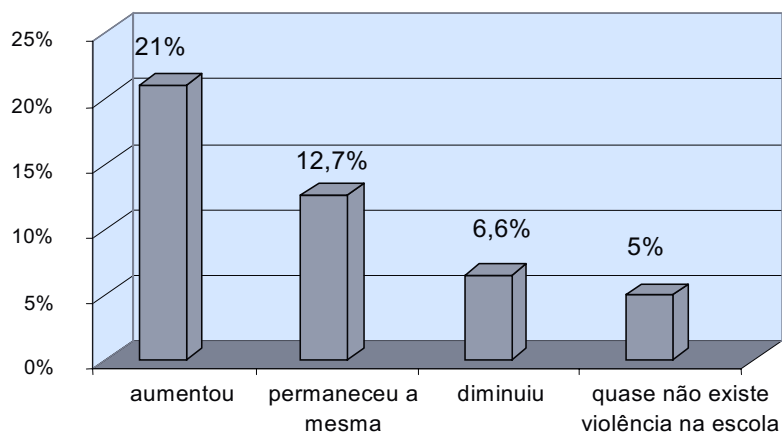


Gráfico 4

Desde 2001 até hoje, a violência na escola



Foi também perguntado aos alunos qual seria a opinião deles sobre as mudanças na incidência de eventos violentos no último ano. O objetivo era saber se a violência tinha aumentado na escola da mesma forma como vem ocorrendo na sociedade de modo geral. Do total de alunos entrevistados, 44,2% afirmaram não haver violência em sua escola ou haver tendência à sua diminuição. No entanto, a maior parte daqueles para quem os níveis de violência aumentaram está também insatisfeita com seu nível de aprendizagem (gráfico 4).

Gráfico 5

Pessoas usando drogas na região da escola

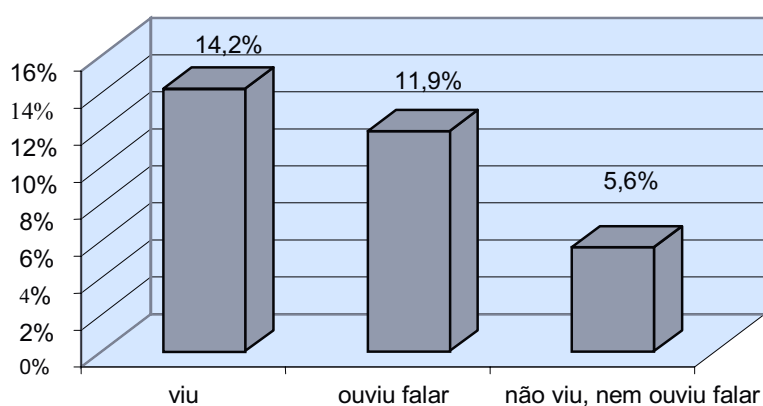
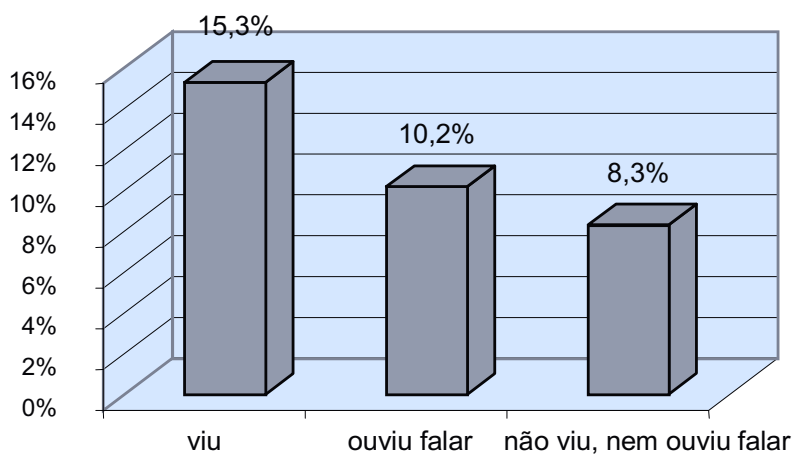


Gráfico 6

Criminosos ou bandidos circulando pela vizinhança da escola



5 Conclusões

Variáveis relativas ao ambiente são também importantes na avaliação dos próprios alunos sobre o papel desempenhado pelas escolas. Os gráficos 5 e 6 (na página anterior) são exemplos de que tanto a percepção da existência de eventos violentos quanto a ocorrência, de fato, desses eventos na vizinhança dos estabelecimentos de ensino afetam o nível de satisfação do aluno com o próprio aprendizado.

Os gráficos citados (5 e 6) mostram que sinais de desordem ambiental podem afetar o julgamento dos alunos quanto ao seu aproveitamento escolar. Ou seja, o percentual de alunos que já viu ou ouviu falar de pessoas usando drogas ou criminosos circulando na vizinhança é maior entre aqueles para quem o próprio desempenho é baixo.

O tema violência nas escolas implica discussões relativas a seus impactos sobre os papéis desempenhados pelas instituições de ensino. São papéis que englobam desde a socialização dos indivíduos até o ensino de disciplinas específicas que dão ao aluno instrumentos para o desempenho de funções profissionais e para o pleno desenvolvimento da vida em sociedade. O aprendizado de tais disciplinas determina o que se denomina nível de aproveitamento escolar ou proficiência.

O nível de aproveitamento escolar depende de vários aspectos, entre eles, características individuais e familiares e configuração pedagógica das escolas. A ocorrência de eventos violentos e a percepção de que tais eventos implicam riscos individuais também são elementos importantes no desempenho escolar. A partir do que foi apresentado neste artigo, pode-se afirmar que uma das perdas sociais causadas pela violência é a queda na qualidade ou no nível do aprendizado individual.

Essas considerações supõem a ocorrência de eventos violentos que transcendem aqueles advindos das relações de poder no contexto escolar e estão relacionados à violência objetiva – ocorrência de eventos criminais ou delinquentes tradicionalmente vistos como processos que se desenvolvem fora do contexto escolar, mas que têm sido incorporados às discussões em torno das instituições de ensino.

Ainda que de maneira apenas exploratória, natureza das considerações deste artigo, são apresentados fatores específicos que possivelmente estão relacionados ao impacto da violência sobre a atuação do ensino. É nesse sentido que aspectos como a classificação do nível de segurança oferecido pela escola, o sentimento de segurança dentro dos estabelecimentos de ensino, o possível uso de armas para autodefesa (sinal indiscutível do senti-

mento de medo e recurso não convencional para a solução de conflitos) e a crença no aumento da insegurança surgiram como importantes fatores considerados pelos entrevistados e que interferem em seu aproveitamento escolar.

Em suma, o desempenho escolar, aqui medido pelo julgamento dos próprios alunos entrevistados, pode ser afetado ainda pela ocorrência de eventos contra a escola e por fatores percebidos pelo aluno nas imediações da escola.

Para combater problemas relacionados à violência, a escola deve antes identificar seu escopo de atuação. Algumas questões são importantes na constituição do problema, mas não estão ao alcance das instituições de ensino. Além das características individuais dos alunos, são exemplos dessas questões: antecedentes em eventos violentos, uso de drogas, baixa expectativa de sucesso educacional, influência negativa dos pares e monitoramento insuficiente dos pais, todos associados à delinqüência. A escola pouco ou nada pode atuar sobre esses fatores.

No entanto, existem fatores que podem influenciar no contexto de atuação das escolas. Um deles refere-se à oferta de segurança na escola. Este artigo destaca a importância do sentimento de segurança no desempenho escolar. Outra questão crucial diz respeito às características físicas de onde se localizam as escolas. Como já foi visto, regiões desordenadas e presença de agentes que perturbam a ordem social afetam a percepção dos alunos quanto ao nível de segurança.⁴

Se a escola pouco pode fazer no que se refere às características ambientais, é possível sua aproximação junto da comunidade, o que viria, por sua vez, preservá-la de eventos violentos. O fato de uma determinada instituição pertencer a uma comunidade fazendo parte dela cria um vínculo mais forte entre as duas. Abrir espaços nas escolas para que membros da comunidade externa possam utilizá-los para realizar reuniões políticas ou eventos de lazer pode trazer bons resultados, mesmo nas áreas mais conturbadas. Outro fator positivo seria a participação efetiva de pais e alunos em atividades extracurriculares, assunto exaustivamente tratado por diretores de instituições de ensino.

Referências bibliográficas

ANDERSON, David C. – *Curriculum, Culture and Community: The challenge of school violence*. University of Chicago review, 1998.

DEBARBIEUX, Eric – *A violência na Escola Francesa: 30 anos de construção social do objeto* (1967-1997). Educ. Pesqu. V. 27 nº 1 São Paulo, jan/jun. 2001.

- FELSON. The routine activitie theory. In HENRY, Stuart and EINSTADTER, Werner (editors). *The Criminology Theory Reader*. New York University Press, NY, 1988.
- GOTTFREDSON, D. C. *Shools and Delinquency*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- LUCAS, Peter – *The Coming Era of School Violence: in the new yourk city public school system*. Contemporaneidade e Educação: Violência e vida escolar. Instituto de estudos da cultura e educação continuada. RJ, may 12-14, 1997.
- SPOSITO, Marília Pontes – *Um Breve Balanço da Pesquisa sobre Violência Escolar no Brasil*. Educ. Pesqu. V. 27 n° 1 São Paulo, jan/jun. 2001.
- UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) Resultados Preliminares da *Pesquisa Nacional de Violência, Aids e Drogas nas Escolas*, Brasília, 2001.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. CRISP. *Survey de Vitimização em Belo Horizonte*, coordenador: Cláudio Chaves Beato Filho, Jul. 2002, Relatório Final.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. CRISP. *Perdas Sociais Causadas pela Violência: A Violência nas Escolas*, coordenador: Cláudio Chaves Beato Filho, Julho 2003, Relatório Final.
- WILSON, James Q. e KELLING, George L. “*Broken Windows: The Police and Neighborhood Safety*”. In. *Community Policing – Classical Readings* – Willard M. Oliver, Prentice Hall, 2000.
- ZALUAR, Alba e LEAL, Maria Cristina – *Violência Extra e Intramuros* Rev. Brasileira de C. Sociais, vol. 16 n° 45. São Paulo, Feb. 2001.

Notas

- 1 As análises feitas neste artigo foram baseadas na pesquisa “Perdas Sociais Causadas pela Violência: A Violência nas Escolas”, realizada pelo Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública, da UFMG, sob a coordenação de Cláudio Chaves Beato Filho.
- 2 Ver Zaluar, Alba e outros.
- 3 Todos os gráficos apresentados neste artigo foram feitos levando-se em consideração análises estatísticas de regressão. Portanto, as relações entre variáveis foram consideradas estatisticamente significativas e as relações entre elas, mostradas por meio de gráficos, prestam-se apenas à clareza da apresentação, sem que haja necessidade de exposição de modelos mais complexos. A análise de regressão é o estudo que descreve a relação entre variáveis de forma que uma variável resposta seja explicada em função de uma ou mais variáveis explicativas. A regressão pode ser linear – quando a resposta é uma variável contínua e expressa por um valor numérico – ou logística – quando a variável resposta é categórica e expressa por meio da probabilidade de ocorrência.
- 4 Trata-se aqui da clássica associação entre sinais físicos de desordem, como iluminação insuficiente, lotes vagos, lixo nas ruas, depredação, pichação, etc., e o sentimento de insegurança das populações. As pessoas normalmente procuram evitar transitar por locais assim caracterizados, como mostrou a pesquisa de vitimização realizada pelo Crisp/ UFMG em 2002.